

# Correio das Artes

Ano II Número 48 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 8/10/1950



Vinheta de TINET

## UM ESCRITOR QUE NÃO ESCREVE

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

VARIAM os processos de trabalho entre os homens de letras. Duhamel produz unicamente, se dispõe de papel e tinta. Outros como nosso Alceu Amoroso Lima, preferem o lápis. Valery logo se adaptou à dactilografia. Uns emendam muito, outros emendam pouco. De uma forma ou de outra, todos eles escrevem.

Vejamos, porém, o que diz Marcel Allain ao reporter literário, G. Charensoi, que acaba de publicar um livrinho adorável, «Comment ils Écrivent»:

«Eu e minha mulher somos dois eternos vagabundos. Ela é louca por gravuras antigas. Entra no meu escritório e diz para mim: «O automovel está pronto. Anuncia-se uma venda em Berlim, quando partiremos?»

Pensam que o escritor itinerante deixa a tarefa pela viagem? Que engano! Este não para de trabalhar. Para espanto de quantos vêem no homem de letras, um cidadão até etimologicamente sedentário, tem meios e modos de conciliar as coisas. Querem vêr? «Ponho no carro o parlógrafo que você está vendo ali e no qual já fiz duzentos volumes e desfilamos. De manhã, no hotel, eu me ponho diante do aparelho e falo alguns capítulos de misté-

rios policiais. Arrumo os rolos na sua caixa. Remeto-os à minha dactilógrafa. Ela os coloca no fone, bate o texto na máquina e manda-o para o editor. O meu secretário recebe as provas e corrige-as. Só vejo o livro quando ele aparece».

— «Então o sr. não escreve?»

— «Nunca. De caneta na mão, sou incapaz de encontrar uma idéia...»

«Justamente porque dito, posso fazer um romance em três dias. Assim o volume que terminarei daqui a pouco, foi começado anteontem às seis horas.

O diabo é que até essa organização tecnocrática tem as suas exigências... Para que o livro seja publicado a tempo e a hora, outros trabalhadores além do autor, hão de executar certas tarefas. Eis aqui o jeito, para a usina produzir, sem solução de continuidade.

«Para que o desenhista tenha tempo de trabalhar, sou forçado a dar, antecipadamente, o título de três volumes e o assunto para o desenho das capas. Não sabendo absolutamente como vai ser a ação contendo-me em imaginar um nome qualquer e uma cena im-

pressionante. Quando inicio um novo volume, devo pois procurar o que tenho de pôr sob esse título e em torno dessa cena que inventei ao acaso. Começo a passear para lá e para cá até que me venham as idéias, e de repente digo à minha mulher: «O livro está pronto». Entro para o escritório, e dito durante dez horas. No terceiro dia, meu livro está pronto. Escrevo assim dois por mês. Com a minha vida errante é uma bela produção: não é? Durante os últimos anos publiquei assim quarenta volumes.

«Que mina!» — Reflexionará o que se acredita capaz da produção em série.

«O autor de «Fantomas» declara que lê enormemente e digere quanto consome, para produção de outros livros. Tem as suas horas de meditação. Quem sabe se a capacidade para ditar lhe imprime à linguagem mais vivida fluência? Preparação, elaboração, expressão. Nem os preceptistas querem mais. Estou aqui, estou comprando esse fabuloso parlógrafo».

Mas isto afinal não é mesmo escrever, é fabricar literatura como quem industrializa outra coisa qualquer.

Público não falta para a ficção mecanizada. Marcel Allain já tem uma biblio-

(Cont. na pág. 2)

## A FLÔR DO CACTO

CASSIANO RICARDO

*A MANHÃ é toda flôres, lá fóra,  
como já a unânime, a universal primavera  
que um dia virá.*

*É eu gostaria de oferecer uma delas  
àquela por quem o meu coração bate à esquerda.  
Aquela a quem gostaria de oferecer muitas flôres,  
todas as manhãs, muitas flôres.*

*Nítidas, frescas, trescalantes de orvalho.*

*Se a minha fidelidade não fôsse uma flôr dema-  
[siado noturna  
de tão pouco evidente,*

## A Poesia De Bandeira

(continuação da pág. 7)

bio o poeta então que a sua poesia era uma realidade interior e profunda, um lirismo que ele comparava ao dos loucos, dos bêbedos e dos clowns de Shakespeare; estava o poeta perfeitamente integrado na aquele movimento de conscientização modernista que significou a «descoberta do inconsciente»; sabia ainda o poeta que a poesia era de certo modo meio de conhecimento e das realidades profundas da alma do poeta como da realidade exterior e ambiente. Mas a sua arte poética, apesar de tudo, ou, antes, graças a tudo isso, seria apenas mais fiel a si mesma, mais transfiguração pela poesia.

E seria alongar-nos demasiadamente percorrer em toda a obra poética o iti-

nerário de sua arte poética, para comprovar essas afirmações. Nesta nota despretensiosa, basta-nos assinalar que a Transfiguração pela poesia — a Transfiguração que é a palavra-chave de sua experiência poética — o conduziu à mais total sublimação da dor e dos sofrimentos morais e interiores, cujos traços encontramos, a cada verso, em toda a sua obra. Nenhum poeta foi mais sincero e, por isso mesmo, muitas vezes, mais duro consigo próprio nesta sinceridade. Nenhum poeta também conheceu mais triunfal realização de si mesmo:

«O vento varria os meses  
E varria os teus sorrisos...  
O vento varria tudo!  
E a minha vida ficava  
Cada vez mais cheia  
De tudo».

Aquela transfiguração poética do sofrimento que a princípio era dor gotejante em cada verso, desde o primeiro livro de poemas ao último, segue um caminho triunfal; a princípio, triunfar para o poeta é um simples desabafo doloroso; após, um prenúncio de libertação; e afinal, a completa sublimação da dor e do sofrimento por quem

trillou deles muitos caminhos e, em vez de sucumbir, aprendeu a calma serena que à poesia também pode dar e sem se pretender substituir a oração e a perfeição religiosa, pois como fruto do espírito — e do espírito que, como a carne, está longe de ser essencialmente pervertido, como queria o maniqueísmo e como ainda quer hoje tanto maniqueísmo travestido, — filha do espírito, a poesia também conduz às perfeições do espírito. Sem se pretender, é evidente, substituir a perfeição, a ascese e a mística; mas de modo a se dizer dos que atingiram tal perfeição pela poesia que para serem perfeitos pela graça divina só lhes falta mesmo a Graça.

## O GRITO DO ESPANCADO

(Cont. da pág. 6)

raient jamais enchainé leurs esclaves s'ils avaient possédé les moyens de contrôle de notre Société moderne».

Talvez a leitura deste livro desperte em outros um estado de alerta, de apreensão e prevenção contra o que também pode vir a acontecer por estas bandas. E isto já é uma grande vitória do seu autor que terá o poder de fazer com que muitos ouvidos — habitados à música de Cole Porter e de Chopin — percebam o grito do escravo.

## OS DEZ LIVROS MAIS ABORRECIDOS DA LITERATURA MUNDIAL

A CASA editora da Universidade de Columbia, acaba de fazer por intermédio de sua revista, «Prazeres da Edição», um plebiscito junto a certo número de editores, autores, críticos literários, livrarias, bibliotecários, etc., para estabelecer a lista dos dez livros mais aborrecidos da literatura mundial.

Essa lista, publicada, encherá de alegria, provavelmente, escolares do mundo inteiro porque muitas obras famosas nela figuram.

Com efeito, são encontradas, por «ordem decrescente»: «Moby Dick», de Herman Melville; «O Paraíso Perdido», de Milton; «Ivanhoé», de Walter Scott; «Don Quixote», de Cervantes, o «Fausto», de Goethe etc.

Entre as obras designadas, mas que não reuniram votos suficientes para figurarem na lista dos dez, encontram-se o «Velho Testamento», o «Relatório Kinsey» sobre o comportamento sexual dos «machos humanos» e 17 peças de Shakespeare.

## UM ESCRITOR QUE NÃO ESCREVE

(Conclusão da 1ª pag.)

grafia de trezentos e oito livros. Começou em colaboração com Emile Souvestre. Um belo dia, tiveram a idéia de um romance, a que puseram o título de «Le Roure». Realizaram-no durante uma excursão de automóvel. Naturalmente, um parceiro escrevia, enquanto outro ia ao volante. E tal façanha se deu, ainda em 1905. Hoje, Marcel Allain trabalha por conta própria.

O caso documenta a possibilidade atual de ser al-

## ERA A MAIOR ARVORE DA SERRA

(Conclusão da 3ª pag.)

do a velha gameleira estava desfeita em lenha e se desnudaram os horizontes da rua, ou, como nos versos de Augusto dos Anjos:

«E quando a árvore, olhando a pátria serra,  
Caiu aos golpes do machado branco».

não foram poucos os arrependidos da velha fibra, que choraram, protestaram, e ainda hoje a gameleira é ponte de referência de muita recordação e de muita saudade íntima.

Eu tenho um amigo de quem não se podia repetir o resto do último terceto do grande poeta:

«O moço triste se abraçou  
[com o tronco  
E nunca mais se levantou  
[da terra».

O amigo não caiu ao ver esquarterado o velho colosso sedentário. Dir-se-ia, porém, que se ligou mais à terra no estudo e no amor de suas glórias passadas.

guém escritor sem precisar de escrever. Ainda bem que os outros, também ouvidos por Charensol, ainda escrevem...

## A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

Correio das Artes

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias  
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

# Era a Maior Arvore da Serra

CELSO MARIZ

A GAMELEIRA era uma tradição de Areia que já não vemos nela. Conheci-a, ainda menino, de longe. Um dia, não sei de que ponto da estrada de Campina para Alagoa Grande, me apontaram: «Aquilo acolá é Areia. Aquela mancha mais escura que se eleva das casas, é a gameleira». Quando a vi de perto em 1905, não achei que justificasse a fama de imponência e sobretudo a de beleza, que lhe davam como primazia na flora do Brejo. Um tronco fendido e descontínuo, a galharia informe e depenada. Só há pouco a reví, em estação de plenitude dos ramos, belíssima, formidável, numa fotografia, na residência do prefeito Germano Freitas. Pedro Américo definiu-a no «Holocausto»: «Torre antiga, vestida de muscos, denegrada pelos séculos». Coêlho Lisboa, em viagem na Europa, enlevado com as seduções de Paris, disse desta que para ser tão boa e bela como sua cidade natal só precisava uma gameleira. José Américo, quando Soledade, a heroína da «A Bagaceira», quis vêr Areia: «Da chancela enxergou a gameleira imemorial como o céu verde da cidade». E José Lins do Rêgo, na conferência sobre o grande pintor: «Lembro-me da gameleira que era uma espécie de templo panteísta da cidade. Todos amavam a árvore velhinha, magestosa, enrugada. Era um dos orgulhos de Areia. Um dia quizeram derrubá-la, quando já não podia mais com os ventos, quando os galhos apodreciam, as fôlhas perdiam a verdura. A cidade chorou pela gameleira morta. Ainda hoje se fala da árvore tutelar como de avô muito querida».

Realmente, o aregiense tinha o complexo da gameleira, de seus anos perdidos no tempo, de sua influência no destino da cidade. Era a maior árvore da serra. Estação aerea de todos os pássaros da Borburema. Acustica das serenatas boêmias de Pecico. Sombra dos peões da estrada e dos

êbrios humildes da feira.

Era um ponto de histórias e lendas repetidas: teria sido uma estaca do mais remoto curral do Brejo. Foi a trincheira mais alvejada pelos legalistas em 1849, no momento do combate em que Domingos Alcoforado traiu os Liberais e facilitou aos sitiantes o assalto da cidade.

Era testemunha de tudo, figurava em todas as ações de progresso, em todas as alegrias e sofrimentos de Areia. «O Democrata» noticiava ovante quando vi-

nhá chegando o telégrafo, em 1894: «A Gameleira acaba de crnar o seu espaço peito com um isolador do fio telegráfico». E quando Cunha Lima se separou da política de Alvaro Machado e este veio à cidade animar as novas tropas, foi «sob aquelas frondes de três séculos» que os decíduos do mesmo jornal assinalaram a tristeza do Presidente.

Contam que até Nossa Senhora já havia parado junto daquele tronco, viva,

sob a névoa da noite, na visão fascinada de um crente.

Por último alguma coisa tinha mudado. Quando Areia parecia decair, não faltou quem atribuisse o fenómeno a azar da gameleira, envelhecida e enrugada como se fosse u'a megóira vegetal. O prefeito de 1931 era homem sizudo e esclarecido das peculiaridades psicológicas de seu povo. Não a derribou sem consultar os ânimos. Mas quan-

(Cont. na página 2)



# “Poetas e Bananas são a Doença do Brasil...”

Orris Soares, escritor paraibano, faz curiosas confidências sobre Bilac

Orris Soares é uma das figuras mais interessantes do nosso meio literário, embora pouco apareça nos cartazes, tal a modestia, o desprendimento com que se alheia do cabotismo para viver no silêncio de seu gabinete de trabalho e no convívio de alguns amigos uma verdadeira existência de epicurista. Epicurista no verdadeiro sentido da palavra, isto é, daquele para quem a felicidade consiste nos prazeres do espírito.

Mas quem passa, pela Livraria José Olímpio das duas às três da tarde, verá num canto do recinto, sempre a se fazer despercebido um homem magro, claro, de zigomas meio salientes, curvado sobre algum livro. É Orris Soares. Na verdade poucas vezes esse homem está só, pois tem com frequência, ao lado, alguém que lhe ouve a palestra erudita, anedótica e saborosa. Fala ele compassadamente, acenando os detalhes, e nesse tom se deixa ficar esquecido, durante muito tempo, com regozijo dos ouvintes, aos quais oferece sempre as mais curiosas informações sobre coisas literárias. Lendo muito, lendo de tudo, num ecletismo extraordinário, sem nada de livresco; tendo vivido bastante e conhecendo os mais variados tipos da comédia humana, Orris Soares sempre nos torna seus credores em tais palestras. Em matéria literária tudo sabe e nos dá uma pista precisa. É verdadeiramente delicioso ouvi-lo recordar os escritores que conheceu.

«— Por que não escreve suas memórias?» — diz, lhe alguém, ao lado.

Ao que ele responde, sorrindo:

«— Para que?» E continua a desfiar oralmente essas curiosíssimas memórias.

## UM GESTO IMPIEDOSO

Assim o encontramos numa destas últimas tardes, em companhia de Carlos Drummond de Andrade e de

Paulo de Medeiros. Orris falava de Bilac. Um tema ainda há pouco revivido pelo «Jornal das Letras». Mas a figura de Bilac veio à baila, a propósito de Da Costa e Silva, recentemente falecido.

— Por voltas de 1906, estava em Recife — conta nos Orris Soares — quando ali escalou, vindo da Europa, um vapor que trazia para o Rio três celebridades: Sarah Bernhardt, Olavo Bilac e um famoso cavalo de corrida. Descobri, depois, que também vinha no barco João do Rio. Fui a bordo a ver se conseguia entrevistar Sarah Bernhardt, mas o seu secretário logo me barrou os passos. «Pas possible». Madame não recebia de forma alguma. Encontrei-me, então, com João do Rio, a quem já conhecia daqui e ele me levou para junto de Bilac, que se achava apoiado à amurada do convés. Mal havíamos trocado algumas palavras e aparece um cidadão trazendo nas mãos um livro. Dirige-se a Bilac, chamando-o de mestre, com todo o entusiasmo e oferece-lhe o volume, intitulado-se «Sangue» e o homem não era outro senão Da Costa e Silva. Bilac agradeceu polidamente, e logo que o poeta voltou as costas, vi-o tomar do volume pela lombada e num tom sereno, numa calma desconcertante, deixa-lo cair no mar: — Poetas e bananas são a doença do Brasil!... — disse ele, justificando, friamente o gesto.

Fiquei aturdido com tamanha impiedade e não soube senão rir, um riso meio amarelo.

Pobre Da Costa e Silva, que julgava merecer um minuto de atenção do poeta

consagrado, do grande Bilac.

## A POLIDEZ DE BILAC E A FRANQUEZA DE VERISSIMO

— Apesar disso, mais tarde, no Rio, quando publiquei uma peça de teatro, resolvi levar o volume a Bilac. Devia estar escarmentado com a lição, mas assim mesmo insisti. Encontrei o poeta na porta da casa Lopes Fernandes onde costumava estacionar. Recebeu-me com a maior gentileza e quando lhe entreguei o livro, declarou-me no tom mais amável do mundo:

— Ah! Terei muito prazer em lê-lo. Aliás, já li os seus livros de versos e apreciei-os extraordinariamente...

Agradei e afastei-me, sorrindo: eu nunca escrevera livros de versos. Mas Bilac era a personificação da polidez e tinha sempre à mão algo com que satisfazer a vaidade de um literato jovem... Na mesma ocasião, vem a propósito recordar, levei o meu livro a José Veríssimo. Perguntou-me ele se se trata de uma estréia, e como lhe respondesse afirmativamente disse-me:

— Olha, não costumo ocupar-me das estréias, a não ser quando se trata de uma revelação, como foi «Os Serlões», de Euclides da Cunha e o «Canaã», de Graça Aranha...

Deixei-lhe, contudo, o livro, com a doce esperança de que o crítico descobrisse nele uma revelação semelhante às que acabava de citar, mas esperei inutilmente o artigo... Enfim, Veríssimo sempre foi mais sincero embora seu critério de não ocupar-se das estréias me parecesse absurdo. Pre-

feri tal franqueza á hipocrisia florida de Bilac.

Nessa altura, Carlos Drummond de Andrade intervém, considerando que há, nos dias de hoje, mais camaradagem entre os escritores consagrados e os novos. Estes encontram um ambiente bem mais propício e favorável do que outrora.

E Drummond tem muita razão. A todo momento, estamos vendo jovens literatos, vindo da provincia se iniciarem com a maior facilidade nos suplementos dos jornais da metropole.

## NEM GOETHE, NEM WAGNER, NEM CHUCRUTE

Mas Orris Soares conta outra de Bilac. Nos dias da primeira guerra mundial topou com o poeta, ainda no Lopes Fernandes, sempre cercado de amigos e admiradores. E como alguém aludisse à estupidez da conflagração, lamentando o destino tanto dos aliados quanto da Alemanha, Bilac interrompeu:

— Não me fale na Alemanha. Da Alemanha detesto tudo. Não tolero nem Goethe, nem Wagner, nem Chucrute.

Convém lembrar haver Claudel manifestado o mesmo desdém por Goethe, que lhe parece um escritor e poeta quase sem nenhum mérito.

## UMA OPINIÃO SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

— Noutra ocasião — continua Orris — encontrei-me com Bilac ao lado de Heitor Lima, seu grande amigo, na Garnier. Heitor Lima estava pesaroso, pranteava a morte de Augusto dos Anjos, uma perda calamitosa. Bilac não conhecia o poeta do «Eu», nunca tivera a curiosidade de ler-lhe os versos. Então Heitor Lima, comovido recitou-lhe duas ou três das melhores composições de Augusto dos Anjos. Bilac ouviu, com indiferença:

— E' esse o homem? Mas que poeta detestavel!...



# O GRITO DO ESPANCADO

ALCANTARA SILVEIRA

O DOLOROSO romance de Constantin Virgil Gheorghiu é desses que transcendem os limites geográficos de uma nação para unir várias delas num único território, cujas divisas são marcadas pelo desespero, pela perseguição, pelo ódio e pelo terror. Pouco importa a nacionalidade do autor, pois assim como o romance foi escrito por um rumeno, poderia também ter saído de um cérebro polonês, austriaco ou húngaro.

Se os personagens de «La vingt-cinquième heure» possuem nomes, se um se chama Johann, outro Traian, esta Aristitza, aquela Suzana, o nome serve apenas para a identificação física das criaturas, é como placa numerada ou número de uma ficha, já que psicológica e moralmente não existe diferença substancial entre elas, pois a angústia, o medo e o sofrimento são as marcas que trazem dentro do corpo.

Os homens de certa parte da Europa durante a guerra e posteriormente a ela, embora tenham nervos e alma, não são mais seres humanos, individualmente considerados: fazem parte de um rebanho que se chama a sociedade moderna, para a qual nenhum valor possuem. «L'homme moderne sait que ses semblables, et lui-même d'ailleurs, sont des éléments qu'on peut remplacer», diz o personagem Traian Koruga.

É justamente este sentimento de ser dispensável, esta certeza de não ser insubstituível que define o homem europeu de hoje, reduzido a nada nas mãos do «cidadão», entidade que «possède la cruauté de l'homme et de la bête et la froide indifférence des machines», e cujo tipo mais perfeito é o comissário, criado pelos russos. Simples joguete nas garras dos comissários, parte do dente de uma roda monstruosa que gira mecanicamente, sem qualquer finalidade humana, o europeu na guerra (e alguns ainda hoje) não teve outro horizonte senão a cerca de arame farpado, não

conhece outro lar senão o espaço de terra ocupado pelo campo de concentração.

Espezinhado, machucado, torturado no corpo e na alma, Johann Moritz é o símbolo do habitante de alguns territórios europeus de hoje, sem uma tábua de salvação de que possa se valer, sem uma ponte por onde consiga alcançar o caminho da liberdade. Qualquer gesto seu pode motivar uma inquirição policial, a menor palavra servirá de pretexto para que sobre sua boca se abram os punhos dos poderosos do dia.

Só mesmo os fracos de espírito ou os muito fortes de corpo suportam a interminável caminhada de um campo de concentração para outro, a inextinguível série de perguntas que embrutece o cérebro, a saravada de golpes que chove sobre o corpo transformado num amontoado de carne e osso, Traian Koruga — ho-

mem de cultura e de espírito, sensibilidade à flor da pele — não suportou o espetáculo e procurou voluntariamente a morte. «A partir d'aujourd'hui, je ne veux plus rien voir. Je suis fatigué. Le spectacle a trop duré».

Houve, porém, os que suportaram tudo, não se sabe como, os que, depois de dezenas de anos em campos de concentração, conseguiram alcançar novamente o lar, onde os esperou a esposa violada pelo inimigo. É sómente esta volta que faz surgir por instantes uma nesga de luz no céu carregado, transmitindo ao leitor uma restea de esperança no poder de recuperação espiritual do homem. Nem tudo, realmente, está perdido sobre a face da terra que felizmente ainda não é esse terrível estado de coisas que Cieran nos descreve em seu «Précis de décomposition».

A conclusão de que exis-

te ainda uma esperança não é dada pelo romancista. Qualquer cristão, porém, a enxergará brilhando muito palidamente, muito afastada do ponto em que estamos. Para Gheorghiu não há possibilidade de salvação, pois neste mundo, de onde a espiritualidade se ausentou, a própria revolta é inimaginável, se não fosse mesmo um sacrilégio. «Une fois analysée et rapportée à l'ensemble — diz o autor pela boca de Traian Koruga — toute joie humaine est un acte de profanation». Entretanto, impossível é não enxergar a alegria que a entremostra através do amor, naquela cena final em que Moritz encontra a esposa depois de treze anos de separação e enxovalhamento: quando os dois — apesar de todo o acontecido — ainda sentem a atração sexual, conseguem, por um milagre que unicamente o amor é capaz de produzir, se transportar para aquela mesma atmosfera de paixão em que se mergulhavam há tantos anos passados, impossível é não ver nesse pequeno espaço de tempo um pouco de felicidade.

«La vingt-cinquième heure» é mais documento que romance, como aliás notou Gabriel Marcel no prefácio, quando escreveu que lhe parecia certo que a parte de ficção do livro «est à peu près négligiable». Realmente, como romance, «La vingt-cinquième heure» deixa muito a desejar: vários são os pontos fracos que os críticos literários poderiam apontar no volume, como por exemplo a falta de continuidade do tema, a existência de uma quantidade de fatos que acontecem não se sabe de que jeito, ao lado de outros dos quais certos personagens não poderiam ter tido conhecimento e portanto era impossível a respeito deles discorrer.

Passemos todavia sobre estas falhas. Nem falemos na filosofia confusa em que o autor se alonga em demasia pela boca do personagem Traian Koruga. Como escreveu Anne Forestier «c'est une faiblesse commu-



## SERTÃO CRESTADO

JANSEN FILHO

*COMO é triste o sertão! Como fica distante  
O berço onde acordei, sorrindo para a vida...  
— Daqui vivo a sentir a lembrança constante  
Do sublime esplendor da paisagem perdida!*

*O meu mundo interior revive a todo o instante  
As grandes aflições da terra comburida!  
— O sol, matando tudo... E a seca horripilante,  
Tornando a natureza exânime, vencida...*

*As árvores senis, evocativas, pécas,  
Se encarregam de dar ao vento as folhas secas  
Que incensam com tristeza as faces da amplidão!*

*Morre o sol! Finda a tarde! Empalidece a serra...  
E a lua lá do céu derrama sobre a terra  
Filigranas de luz e rendas de algodão!...*

# ACAPULCO EM MANAUS

SEBASTIÃO NORÕES

**P**ERNAS da cor da areia que corre o chão.  
Cores variegadas bandeirando corpos esguios.  
Músculos retesos nos saltos sem conta.

A vista se turva diante da magnífica paisagem aquática,  
da praia densa de vida,  
do sol aquecendo a pele macia da mulher molhada.

O pensamento de repente se torna em catadupas desenfreadas  
como o banzeiro que o rio está mostrando  
na Boiussú de escamas negras e espumas de oiro.

sas pernas tortas e os pés de lado, como é que pode ser admirada por alguém, Stelinha? Como poderá encontrar quem tenha a coragem de beijá-la?

Sinto a garganta opressa. Ermelinda exagera a meu respeito. Procura transformar-me numa criatura horrenda. Sómente porque não sou como ela, porque acho feio o seu procedimento, e não quero conhecer namorados. Sei que não sou bonita como ela, mas tenho certeza de que também não pareço tão esquisita assim. Mas as suas palavras me maltratam.

— Você nunca dançará numa «boite», meu bichinho feio, nos braços de um rapaz elegante como eu conheço às dúzias. Fique bem certinha disso.

E ri, voltando a pentear os cabelos.

— Não diga essas palavras tristes, Ermelinda. Eu não quero saber dos seus conhecidos. Sinto-me muito bem sem eles e sem as suas «boites».

— Não diga que não deseja um beijinho nessa boquinha de sapo, minha bichinha. Qual é a adolescente que não o deseja? E para você ver, na sua ida-

de liberdade e a ameaça à cultura. Em alguns territórios europeus existe realmente o autentico escravo técnico, guardado por métodos que até os gregos desconheciam. «La Société contemporaine a ses méthodes pour garder les esclaves,

## A OUTRA

(Cont. da pág. 12)

de, isto é, aos quinze anos, eu já sabia ensinar a beijar. Veja bem a diferença.

Lembrei-me de minha mãe, deitada àquela hora, talvez a contorcer-se em dores, enquanto Ermelinda me falava de sua vida reprovável. E isso quando lhe pedia que se interessasse por ela, que tanto lhe queria. Vi como minha mãe se perturbava, nos primeiros tempos, com os passeios noturnos de Ermelinda. Era quem se levantava para abrir a porta, quem a recebia sem dizer uma palavra. Angustiado-se em silencio. A única tentativa de protesto era o pigarro de meu pai. Depois, Ermelinda mandou fazer uma chave, irritada com a brandura de minha mãe. Chegou até a fazer ameaças. «Vou morar numa pensão, se não concordarem comigo». «Quem é que está dizendo nada, minha filha?» Meu pai limitou-se a fazer uma pergunta, mas depois que ela saiu para a repartição. «Anélia, acha que isso está direito? «Mi-

nha mãe achava. Tudo que Ermelinda fizesse era direito, mesmo que não lhe agradasse, mesmo que fosse para o seu mal.

— Ermelinda, não seja tão má. Não fale em coisas tão sujas. Lembre-se que nossa mãe está muito doente, e somente a você ouvirá. Fale com ela, pergunte como vai passando. Isso a fará feliz. Você poderia aconselhá-la a ir a um médico. E sei que atenderia.

— Esse encargo de conselheira, eu deixo para você, santinha pudorosa. Não tenho jeito para isso. Se está doente, que cuide de si.

— Mas ela não quer.

— Então, tanto pior.

— Ermelinda! Mãe pode morrer.

— Ora, ora! Se morrer se enterra.

E dizendo isso, apagou a luz e deitou-se no seu leito.

— Agora, deixe-me em paz.

Não. Eu não serei mais capaz de incomodá-la. Mas não posso conter as lágrimas que começam a descer-me pelas faces, sentindo-me infeliz por não poder fazer pela minha mãe tanto quanto Ermelinda.

ient pas les Grecs. Je ne méthodes que ne possédapense pas seulement aux mitrailleuses, aux barrières de fil de fer barbelé que traverse un courant électrique, mais à toutes les méthodes de la technique bureaucratique qui doit sur-

veiller l'être humain: les cartes d'alimentation, l'autorisation de la police pour pouvoir avoir un lit à l'hôtel, monter dans un train, se promener dans la rue ou changer de résidence. Les Grecs et les Egyptiens n'au-

(Cont. na pág. 2)

ne à la plupart des jeunes romanciers de ne pas accorder une confiance suffisante à la valeur des faits et des situations, et d'éprouver le besoin de confier à quelques personnages du livre le soin d'exprimer en langage théorique les idées chères à l'auteur.

Esqueçamos tudo isso e encaremos «La vingt-cinquième heure» como realmente é: um magnífico documento. Sob este ângulo, o livro de Gheorghiu é de um valor inestimável, deixando longe tudo quanto se escreveu até hoje sobre esse universo concentracionário criado por David Rousset. Embora não faltem qualidades de ficcionista ao autor (lembramos as cenas das mortes do Padre Koruga e de Traian Koruga, esta uma autêntica página para antologia) o seu livro impõe-se como documentário, como grito ao mesmo tempo de desespero e de alarme. Impõe-se igualmente pela imparcialidade: de modo nenhum o autor toma partido contra ou a favor das nações que se degladiavam durante a guerra e não cessaram de lutar depois da paz. Johann Moritz, quer como prisioneiro alemão, húngaro, russo ou norte-americano, é sempre o prisioneiro de um campo de concentração, etiqueta que resume tudo quanto se poderia dizer sobre o assunto. E é unicamente para se livrar desses campos de concentração que ele no fim do livro se alista no exercito da civilização ocidental para combater a barbarie bolchevista. Passa à categoria de «voluntário entusiasta», porém, por mais esforço que faça, não consegue obedecer ao oficial norte-americano que — de máquina fotográfica em punho — ordena, para a fotografia de propaganda: «Keep smiling!»

São esses motivos que tornam imperiosa a leitura de «La vingt-cinquième heure». As lições que dele decorrem são graves e profundas e talvez produzam algum fruto neste lado do mundo. Principalmente alguns brasileiros que vivem deblaterando contra a falta de liberdade que dizem existir no Brasil e que sentem a cultura e a paz nacionais ameaçadas por imaginários poderes deveriam ler este livro para ver o que são realmente a falta

# A POESIA DE BANDEIRA

LUIZ SANTA CRUZ

TODA experiência de poesia, como toda elaboração teológica, tem a sua palavra-chave. Santo Agostinho elaboraria a sua síntese teológica partindo da idéia do B'm; Santo Tomás de Aquino, da idéia do Ser. E assim todo poeta — mesmo que não tente a sua Síntese poética do homem, do Mundo ou de Deus, como Dante, em sua trilogia e Patrice de la Tour du Pin, em sua «Somme de Poésies» — todo poeta, como todo artista «vem ao mundo para dizer uma só coisa», como escrevia Claudel a Jacques Rivière. E acrescentava o autor de «Art Poétique»: «eu compreendo que cada coisa não subsista sozinha, mas numa relação infinita com todas as demais».

E assim como o próprio Paul Claudel encontraria na Alegria a palavra-chave de toda a sua experiência poética; Patrice de la Tour du Pin, na Adoração; Jorge de Lima, na incessante redescoberta da Infância; Joaquim Cardoso, da Juventude provinciana; — assim, a meu ver, a palavra-chave da poética de Manuel Bandeira é a Transfiguração pela poesia, é a perene sublimação de sua experiência humana contida e elevada pela experiência poética. Creio mesmo que só isso conseguiu fazer imprimir à obra poética de Manuel Bandeira aquela admirável continuidade que, mais de uma vez, tem sido assinalada pelos críticos em sua poesia, da fase mais antiga — a parnasiana — através da simbolista, até a fase modernista mais recente.

Com efeito, parnasiano embora quanto aos processos de composição poética, Manuel Bandeira foi desde o primeiro instante modernista quanto à consciência poética. E Mario de Andrade tinha assim razão para afirmar que teria sido ele «o São João Batista do movimento modernista», pois que em sua poética era bem aquele que indicava profeticamente o itinerário poético a ser seguido.

A consciência poética do parnasiano que teria sido

Manuel Bandeira jamais partilhou daquela concepção artesanal da poesia que tinha sido característica da poética de Olavo Bilac. Não se inspiraria o Manuel Bandeira de «A Cinza das Horas» em Victor Hugo («Le poète est tiseleur / Le tiseleur est poète»), para afirmar, como o autor de «Poésies», em sua «Profissão de Fé»: «Não quero o Zeus Ca-

poeta»: «A ideia porém, mais pura / A ideia aos poucos nascida / De observar a dor e a vida, / Fulgura». Pois a sua consciência poética, desde os primeiros versos de «A Cinza das Horas», era a que a poesia é antes de tudo uma vivência e só graças a ela uma arte.

Na verdade, a grande contribuição do modernis-

se, que fazia dizer ao poeta de «Desencantos», em «A Cinza das Horas»:

«Eu faço versos como quem  
[chora  
De desalento... de desen-  
[canto...]

«Meu verso é sangue. Volú-  
[pia ardente...]

A poesia de Manuel Bandeira nascia-lhe naquele estado de consciência poética que encontramos no Rilke das «Elegias de Duino»; uma poesia que é sangue, olhar, gesto; uma poesia dolorosamente vivida, uma vivência para utilizar o neologismo da estética germânica, tão caro a Dilthey.

Manuel Bandeira, mesmo anteriormente à doença que o levaria a cantar versos tão pungentes, já aparecia como o poeta por excelência da vivência poética, um parnasiano na verdade «sui generis» de tão divorciado da concepção ou da consciencialização artesanal poética e típica do parnasianismo.

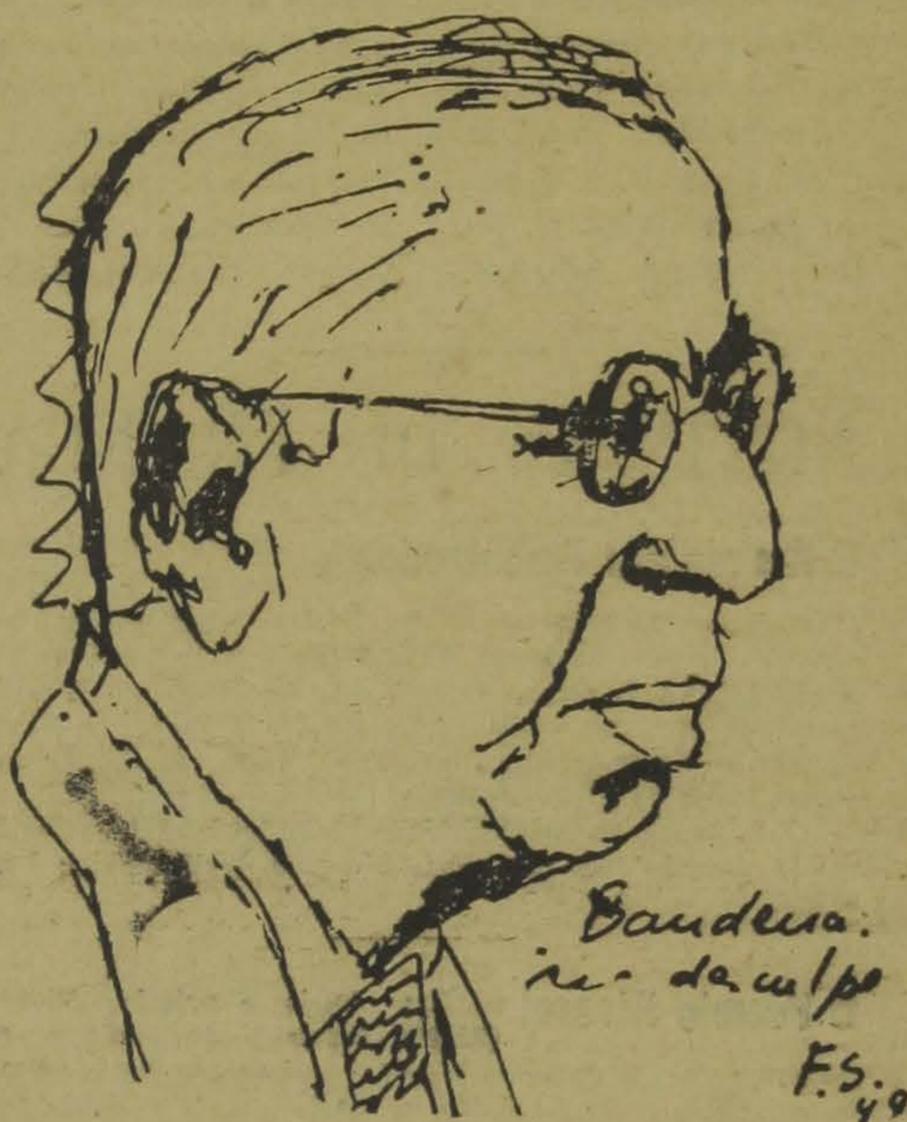
Nem menos divorciado da conceitualização poética do simbolismo teria sido o Manuel Bandeira simbolista. O simbolismo, na verdade, enriquecera-lhe apenas essa consciência de poesia, tão antiga quanto a sua própria arte poética; como que lhe ensinara a travestí-la e a apresentá-la com nova roupagem. E nada mais.

O modernismo, este sim, o elevava — como a toda a poesia brasileira — a plena consciência de si mesmo e de sua arte poética — e a poesia brasileira, a beneficiar-se das profundas descobertas poéticas do romantismo, do simbolismo e do surrealismo europeus. Mas o poeta que em «Libertinagem», em sua «Poética», se não aderira, reafirmava a sua adesão modernista, seria o mesmo de outrora quando afirmava:

— «Não quero saber mais do lirismo que não é libertação».

Com efeito, sua consciência poética estava bem mais enriquecida agora; sa-

(Cont. na pág. 2)



O poeta Manuel Bandeira visto pelo escritor Fernando Sabino

pitolino, /Hercules e belo, /Talhar no mármore divino /Com o carmatelo. /«Que outro — não eu! — a pedra corte...» /«Invejo o ourives quando escrevo». /«Por isso, corre, por servir-me, /Sobre o papel /A pena, como em prata firme /Corre o cinzel».

Era, sem dúvida, um aprofundamento da consciência artesanal poética; mas, a julgar por um critério estético mais profundo, era apenas uma requintada consciência de poesia.

E Manuel Bandeira, se parnasiano foi na sua primeira fase, deve-se antes aproximá-lo do Alberto de Oliveira que dizia «A um

mo seria justamente essa: elevar a poesia brasileira à participação daquele movimento poético universal, desde os românticos ingleses, alemães e franceses conhecido e do qual vivia como à parte a poética brasileira: à participação do movimento de consciencialização poética que via na poesia a um tempo uma experiência profunda, elaborada no mais íntimo do ser e uma vidência, um modo de conhecer, a partir sobretudo de Baudelaire e Rimbaud.

Era precisamente esta acentuação da experiência poética, por mais individualizado que nos parece-

# O Regionalismo de Gilberto Freyre

JOSÉ LINS DO REGO

**E**SCREVENDO para um jornal de jovens da Escola Militar, eu falei de certo regionalismo que, felizmente, vai sendo melhor compreendido entre nós.

A palavra regionalismo tem sido adulterada, no Brasil, em quase todos os seus sentidos. Regionalismo em literatura passou a ser uma limitação, um esforço quase de caricatura. Ser chamado de regionalista era o mesmo que ser chamado de excêntrico. Um poeta regionalista parecia mais um aleijão poético. O pior do Catulo Cearense passou a se transformar em lei.

Em política, regionalismo seria um erro contra a nossa unidade. A palavra se transformara assim em nome feio. E, no entanto, queria ela dizer tanta coisa essencial, tanta coisa viva, de absoluta precisão para todos nós, em função brasileira.

Afonso Arinos, um homem de letras que foi também andarilho, amou a sua terra e quis fazer de sua literatura uma prova desse amor. Deu-nos páginas de muita força, de muito colorido regional. Aquela sua conferência sobre o nacionalismo diz muito bem de sua intenção de criador. Mas Arinos era mais um sentimental que se contentava com o buriti solitário, com os cantos dos boia-deiros. Ser regionalista, para ele, era ter saudades, era suspirar pelo Brasil.

Euclides da Cunha, nos *Sertões* faria um livro re-

gionalista, o nosso primeiro grande livro regionalista; muito mais da terra, que os romances de Alencar. O livro de Euclides era um drama, onde a ciência entrava como uma personagem que queria ser a maior figura da representação.

Como a maior figura era a literatura, o cientista de vez em quando aparece onde não devia. Euclides, porém, soube ser regional, embora exaltado, generalizador. O seu livro é grande pelo con-

tacto que estabeleceu entre o público e um pedaço do Brasil.

O regionalismo de Gilberto Freyre tem a força poética de Afonso Arinos e a capacidade de penetração de Euclides da Cunha. Ele não quer sentir somente, quer aprofundar-se. É cultural, no sentido sociológico. E por conseguinte é mais humano. Ele não fica o saudoso, o poeta que se contenta com os temas poéticos, tomados pela superfície; ele quer valorizar, conhecer, medir,

sugerir. O Brasil é o seu tema, ou, melhor, a vida de seu corpo de idéias. Pernambuco entra na formação de seus livros como sangue e carne. Não é Pernambuco de instituto histórico; é uma região que palpita, que freme de vitalidade, nos seus rios, nas suas ruas, nos partidos de cana, nas suas populações de desnutridos, nos seus arrancos de coragem, nos seus instantes de fraqueza.

A terra natal para Gilberto Freyre não é o mar de rosas, o paraíso dos apaixonados sem controle; é a terra com as suas grandes e as suas deficiências. É coisa humana. Para que ele fosse o grande escritor que é, bastava que se desse a recordar. Mas seria um grande escritor como Afonso Arinos, sem humanidade, mais larga. O regionalismo de Gilberto Freyre se alimenta de realidades.

É mais dialético que lógico. É humano. É o que fez do "Casa Grande e Senzala" um livro essencial. Um livro clássico, como dele falou Roquete Pinto. Porque sem querer fazer doutrina, sem querer provocar conclusões, ele atingiu o mais íntimo de nossa vida. Sendo o livro da terra, é o que mais exprime o homem do Brasil.

O regionalismo de Gilberto Freyre é, assim, uma réplica ao estadualismo que vinha corrompendo a nossa unidade. Ele ama o seu Pernambuco para mais ainda amar o seu Brasil.

## NOTÍCIAS DE FRANÇA

**O Premio dos Embaixadores** — Os embaixadores membros do júri do «Premio dos Embaixadores», em Paris, entregaram sua recompensa à sra. Simone Weil, a título postumo, pela sua obra «Attente de Dieu». O resultado foi obtido no segundo escrutínio por oito votos contra quatro a favor de Roger Peyrefitte, autor de «La Mort d'une Mère». Emile Mireaux obteve votos no primeiro turno.

Foi depois de Saint-Exupéry, o segundo autor desaparecido coroado por esse júri. Simone Weil morreu no exílio.

**O Premio Rivarol** — Em Paris, o prêmio Rivarol (50.000 francos) destinado a recompensar um escritor estrangeiro escrevendo em francês, foi concedido a Emile Joran, de nacionalidade rumena, pelo seu ensaio intitulado «Precis de Decomposition».

**O centenário da morte de Balzac** — Em Paris, a «Société des Gens de Lettres», celebrou o centenário da morte de Balzac que foi seu segundo presidente, posto em que sucedeu a Villemain, tornado Ministro da Instrução Pública.

Pierre Descaves, presidente em exercício, recordou o papel representado por Balzac na organização devido a sua condição de escritor. Jeanne Boitel leu trechos de Balzac. A exposição dedicada ao autor da «Comédie Humaine» foi em seguida inaugurada nos salões do Hotel Massa.

**Uma exposição do cenário** — Por ocasião do III Congresso do Instituto Internacional do Teatro, realizado em Paris, o Sindicato nacional de decoradores, maquetistas de teatro organizou na galeria La Boétie, uma grande exposição de maquettes de cenários e de trajes dos espetáculos realizados desde 1947, sob o título «Le Decor du Théâtre 1947-1950».

Reuniu as maquettes dos maiores artistas na profissão assim como dos teatros da Opera, Opera Cômica, Comédia Francêsa, Bailados de Paris — Roland Petit.



Ilustração de LADJANE

## CONFISSÃO AO AMIGO RILKE

ADERBAL JUREMA

**E**NQUANTO chove lá fora  
 E o vento sopra forte e bravo,  
 No silêncio parado do quarto  
 O poeta metrifica o espaço  
 Como se fôsse um velocímetro solto  
 Entre o sentimento e a razão do mundo.  
 Do cigarro esquecido no cinzeiro  
 Como se fôsssem consciências pré-históricas  
 Sobem nuvens azuis  
 Que se perderam na noite do tempo.  
 E se de repente se fizesse o equilíbrio  
 Seria como a tempestade de mundos desabando  
 Sobre a imagem imprevista da Amada,  
 Daquela que ainda não veio  
 E que não virá jamais  
 Enquanto o vento soprar forte e bravo.  
 (Poderá chegar como um pássaro?)  
 — Amigo Rilke que eu nunca conheci  
 Não me desanimes com a tua canção  
 “A Amada por antecipado perdida”:  
 — No outono há manhãs claras e profundas!

# A MORTE DAS CARTOLINHAS

ARMANDO VASCONCELOS

NO ano de 1927, comemorativo do centenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, combinado ficou entre os estudantes de Direito, adotarem um distintivo para os cursos superiores, a guiza do que se adota em Portugal da Universidade de Coimbra.

Lá na veneranda Universidade, usam os alunos uma capa de cor preta que muitas vezes passa de geração em geração e que sobrepostas aos ombros dos moços, lhes imprime um aspecto doutoral e elegante, se prestando ainda para esconder a precariedade da indumentária dos menos favorecidos da fortuna.

A razão de ser dessa idéia que se tornou depois vitoriosa, foi a presença em Recife, de uma garbosa embaixada de acadêmicos de Lisboa e Coimbra, acompanhados de outro grupo de estudiosos da música, num conjunto denominado «Tuna Portuguesa».

Demorando-se alguns dias em Recife, receberam os capazes dessa embaixada as mais solenes homenagens, destacando-se a que lhe foi oferecida pelo então Diretor da Faculdade dr. Neto Campelo constituído de um sumptuoso baile nos salões da Faculdade de Direito. Sem exagero podemos afirmar, compunha esse núcleo estudantil da fina flor de Portugal, cuja educação e fidalguia nos deram soberbas provas.

Suas CAPAS e seus portadores, deixaram nos adolescentes corações femininos, a mais doce recordação e na lembrança da mocidade de Pernambuco, um motivo excelente para objetar a idéia do distintivo, vindo em ajuda dessa pretensão, um imprevisto acontecimento. Nessa mesma época, um velho negociante português muito relacionado e conhecido pela alcunha de Maia Maravilhoso, proprietário de uma chapelaria à rua 1ª de Março nesta cidade, resolveu acabar com o seu negócio e vender pelo preço mais baixo todo o estoque já fora da moda constituído na maioria de Cartolinhas de cores variadas de um feitio

*Transcrevemos, hoje, do suplemento literário do "Diário de Pernambuco" de 18 de Junho ultimo, o presente trabalho de autoria de Armando Vasconcelos, bedel da Faculdade de Direito do Recife.*

*Tendo convivido com várias turmas de estudantes daquela velha escola, Armando Vasconcelos fará publicar, brevemente, "AS MEMORIAS DE UM INSPETOR DE ALUNOS", livro cuja leitura por certo muito agradará aos ex-alunos paraibanos que frequentaram a tradicional Faculdade do Recife.*

*Por nosso intermédio, Armando se congratula com seus velhos amigos da Paraíba, aos quais dedica o capítulo que aqui publicamos, do referido livro em preparo.*

antiquado porém em perfeita forma, que ajustada a cabeça de um elegante acadêmico veio produzir o efeito desejado.

Dai nasceu o uso das CARTOLINHAS. De começo arredias, logo depois, de notoria distinção. Estava assim vitoriosa a idéia do distintivo para os estudantes do Recife, distinguindo-se os de Direito por uma fitinha vermelha colocada de um lado, verde para os de Medicina e azul para os de Engenharia correspondendo a pedra dos seus futuros anéis.

Mal pensavam porém os moços estudantes, que o distintivo que lhe saíra tão barato num futuro bem próximo, lhes custaria tão caro...

Elas, as CARTOLINHAS, tão bem ajustadas a indumentária dos moços, fizeram sucessos retumbantes evocando uma época de romantismo e poesia.

Porém, como «não há bem que sempre dure» veio um dia a borrasca a impagnar o brilho da vida alegre e descuidosa da mocidade do Recife, empenhada agora numa luta desigual contra um bando de servandijas, revestidos do poder policial, arbitrários, inconscientes e ineptos.

Volvamos ao fatídico dia 28 de maio de 1927, dia de um sol ardente em contraste com a época invernal. Nesse dia, estava unida a Congregação da Faculdade de Direito para resolver o programa das festas do Centenário dos Cursos Jurídicos. Os doutos congregados julgavam as propostas quando, inopinadamente surgiram empurrados pelos companheiros em ensurde-

cedor barulho, três moços em lamentável estado. Sangravam os seus rostos macilentos, suas vestes estavam estraçalhadas, suas CARTOLINHAS amarrotadas, deixando perplexo aquele conselho de nobres doutores mestres do Direito e da Justiça.

Invadido o salão pela mocidade indignada todos pediam vingança e justiça e apelavam para os corações dos Mestres, alguns pregavam revolta e muitos insuflavam uma revanche. Ouviu-se então a voz inflamada do Mestre Gervasio Fioravanti, eloquente e comovido diante aquele quadro de dor; e logo após, outro protesto, que valeu por todos os protestos, pois partia de um senador do Estado pertencente aos quadros da política situacionista que a relegou neste momento, num gesto digno e altaneiro, colocando-se ao lado de seus discípulos surrados e chacinados na Praça pública por uma policia desalmada.

Não sei se o discurso do Mestre Gervasio, ou se o protesto do senador Mario Castro, qual deles exaltou ainda mais os animos da mocidade indignada.

O certo é, que voltaram a Praça novamente, numa luta se travando, heroica e sublime embora em desigualdade de condição.

Foi mais um sacrifício da mocidade, vítima sempre das esperanças políticas.

Os irmãos Luiz e Antonio Cartacho, hoje magistrados no Rio Grande do Norte, Verniaud Borborema Wanderley, senador da República, pelo Estado da Paraíba, Adauto Maia e Lapercio Valença, íntegros jui-

zes, em nosso Estado, Pereira Diniz, procurador federal em João Pessoa, Boulanger Uchôa, advogado no Estado da Paraíba, Francisco Veras, Artur Neves, Fernando Mendonça, e tantos outros que hoje se destacam nas altas esferas, foram os heróis dessa luta que a cidade do Recife foi teatro e será sempre através dos anos.

Impossível é descrever a perseguição aos moços que recuaram lutando até ao portão da Escola, onde num gesto enternecedor, o velho Neto Campelo de braços abertos impediu a invasão dos barbaros armados até os dentes de CASSETETES em punhos, visando especialmente as CARTOLINHAS dos bravos rapazes que as trouxeram como troféu machucadas amarrotadas pela furia dos policiais a mando de um energumeno que na época exercia o pomposo cargo de Inspetor de Policia.

Foi assim que morreram as CARTOLINHAS. Elas simbolizaram o heroísmo e a dor da mocidade. E para cumulo de triste protervia musicaram depois uma marchinha al-gre, para ironizarem tanto sacrificio, cujo ritmo acompanhado de um estribilho jocoso, veio a ser depois em todas as festas, uma coqueluche dos salões.

«Sai CARTOLA!  
Sai CARTOLA!  
Quem não tem boa cachola  
Tal chapéu só a merece  
Estudante é quem padece».

O seu tumulto podemos dizer foi a Praça Pública, da qual Castro Alves captou em suas estrofas. Assisti as suas exequias, enchuguei o meu pranto, porque outro dia não estar no futuro mas já estou a mocidade pelos imperativos do meu destino.

Choremos a morte das CARTOLINHAS! Glorifiquemos bem alto o heroísmo dos moços, SURSUM CORDA.



# A O U T R A

Conto de HAMILTON PEQUENO

O RUIDO de um automóvel, a conversa em surdina e os sorrisos abafados, no alpendre, são os primeiros sinais da chegada de Ermelinda. Um pequeno intervalo, e a porta da rua é aberta com violência, como ela costuma fazer. Não importa que seja tarde, nem que todos já estejam deitados. Sabe que minha mãe ficará acordada, esperando por ela, preocupando-se com a sua demorada ausência, e não procura chegar mais cedo. Atravessa a sala pisando com força e os saltos altos parecem martelos de madeiras batendo contra o mosaico, na quietude da noite. Ouço o pigarro de meu pai. O suspiro velado que logo se apaga. É o seu modo de mostrar-se aborrecido com um procedimento reprovável. Nunca uma palavra, uma repreensão. Deixa que Ermelinda procure pensar melhor, chegando mesmo a acreditar que ela se corrigirá um dia.

Ouço a voz cansada de minha mãe:

— Ermelinda, você já jantou, minha filha? Não se esqueça de comer alguma coisa, antes de dormir.

Fico pensando comigo mesma no cuidado que minha mãe tem com Ermelinda. Talvez por ser a filha mais velha, a quem se afeiçõesou melhor. Ela já tinha dez anos, quando eu cheguei, e monopolizava todas as atenções.

Suas vontades eram satisfeitas, e não se permitia que tivesse a menor contrariedade. Eu vim perturbar o sossego da casa, irritar o ciúme de Ermelinda. Não acredito que tenha me visto com bons olhos, como ainda hoje não me vê. Está sempre contra mim, como nos dias de minha infância. E não foram poucas as vezes, naquele tempo, que recebi os seus castigos imerecidos. Depois, contava a versão que achava melhor e eu ainda tinha que receber os conselhos de minha mãe. «Stela, eu sei que você não faz essas coisas por mal. Procure ser

boazinha, filha, ouvindo sempre sua irmã». Ermelinda ficava perto e não deixava que me defendesse. Com os olhos postos em mim, ameaçava-me em silen-

cio. Seria sovada novamente, se não a obedecesse. Tinha que sair sem dizer palavra e, sozinha no meu quarto, chorar os meus pesares. Poucos

eram os brinquedos que possuía, porque Ermelinda não os tolerava.

Com um riso máu, ela me disse certa vez:

— Stela, vamos enterrar a Dandoca?

Dandoca era uma boneca de cabelos louros e olhos azuis, que recebera de presente de meu pai, no dia do meu aniversário. Movia os olhos e chorava, quando era emborcada. Eu passara muito tempo sonhando com uma boneca daquela, e o presente me deixara bastante feliz. Não me separava dela um momento, ageitando-lhe os vestidos e os cabelos, pensando em mil coisas que poderiam servir-lhe. Fiquei tremula.

— Mas Ermelinda, enterrar a Dandoca?

— Que é que isso tem de mais, idiota?

— Eu não quero, não quero a minha Dandoca enterrada.

Eu chorava desesperadamente, abraçada à minha boneca.

Ermelinda segurou-me pela orelha.

— Deixe-se de choros, ouviu? Nem mais um piú. Agora dê-me a boneca.

Eu resisti, tentando protegê-la. Dandoca valia tanto para mim, e lhe queria tanto bem, que não podia afrouxar o meu abraço. Nem quando Ermelinda me bateu pude soltá-la. Ela agarrou-me com força, e sendo mais velha podia dominar-me com facilidade, conseguindo arrancar-me a boneca.

— Diabo ruim, deixe de ser teimosa. Aprenda a me obedecer, ouviu?

Não sei como não morri, naquele momento. A agonia que sentia era mortal. Como poderia perder a minha Dandoca?

— Venha ver agora como é que vamos enterrá-la, disse Ermelinda, punhando-me pelo pescoço.

Impossível esquecer a satisfação com que ela cavou um profundo buraco ao pé das bananeiras que havia no fundo do quintal. Vez por outra olhava-me e sorria.

— Se chorar apanha, ouviu?

## AUSENTE ESPERANÇA

WILSON LONDRES

**A VOZ dos tempos anunciára  
Que toda riqueza móra no coração,  
no pensamento, naquilo que se ama.  
Mas os homens embriagados não deram ouvidos  
à voz dos tempos.**

**Queriam a riquêza do pó brilhante,  
o poder da rocha que esmaga;  
Tinham ouvido falar na história dos gigantes e  
[dos simples:**

**dos gigantes de trônos de mármore,  
de fulvos colares e de mil escravos;  
dos simples que não tiveram escravos,  
nem colares, nem trônos.**

**E entre o pêso da rocha transitória  
e a levêsa do fio d'água perene  
fizeram a escolha fatal...**

**A voz dos tempos anunciára  
que toda riqueza móra no coração,  
no pensamento, naquilo que se ama.  
Mas os homens embriagados não deram ouvidos  
à voz dos tempos.**

**Celerados, partiram para a melancólica marcha;  
Pisaram gemidos, beberam sangue, cheios de aço;  
atiraram névoas ao sol, cinzas, aos jardins,  
sétas aos gorgeios dos pássaros.  
Sentiram-se novos gigantes.**

**Mas a voz dos tempos anunciára  
que toda riqueza móra no coração,  
no pensamento, naquilo que se ama.  
E embriagados não deram ouvidos  
à voz dos tempos;**

**Sentaram-se, na verdade, em trônos de mármore,  
botaram coláres e tiveram mil escravos:  
Só não tiveram um sorriso.**

**Envoltos nas névoas, sufocados nas cinzas,  
aturdidos na ausencia dos cantos,  
os novos gigantes perderam-se, ignoraram-se.  
E as proféticas palavras do tempo,  
estas sim, ficaram:**

**Toda riqueza móra no coração,  
no pensamento, naquilo que se ama.**

Eu soluçava baixinho, sem poder conter-me.

— Ermelinda?

— Que é?

— A bichinha vai chorar, aí dentro. Ela não pode ficar sozinha, você não vê?

— Deixe de besteira, boneca não é gente.

— A minha é.

Ermelinda interrompeu-se um momento, satisfeita com um novo pensamento.

— Não, ela não vai chorar.

— Eu sei, eu sei como Dandoca vai chorar sem mim.

— Não fará isso, Steli-nha.

Eu sabia, por instinto, que quando Ermelinda me falava assim era porque estava preparando alguma maldade.

— Como você sabe, você que nunca lhe quiz bem?

— Porque vou matá-la.

E antes que pudesse evitar, arrebitou a cabeça de Dandoca com um tijolo.

Corri para casa, soluçando a mais não poder. Estirada sobre o leito, permaneci durante horas, ensopando o travesseiro de lágrimas. Não podia compreender porque Ermelinda fizera aquilo. Que mal lhe fôra feito pela minha boneca? Não encontrava consolo. E as lágrimas corriam, quentes e abundantes.

Como não sáisse da cama, minha mãe veio ver-me.

— Minha filha, que é que você tem?

Perguntou, como se tudo ignorasse.

Abracei-me a ela.

— Mamãe, Ermelinda matou a Dandoca. Abriu a cabeça da bichinha com um tijolo. Por que ela fez isso, mamãe?

— Minha filha, não há razões para ficar prostrada assim. Sei que você deve estar arrependida pelo que fez, mas não há motivo, já que se arrependeu, para continuar sofrendo.

Não pude compreender o que ela queria dizer.

— De que é que eu posso arrepender-me, mamãe? A senhora não imagina como eu sofro, por ter perdido a minha Dandoca.

— Eu sei, minha filha, eu sei que você está sofrendo. Mas não gosto que negue o que fez, procurando culpar a sua irmã.

Enquanto falava, acariciava-me de leve os cabelos.

— Mas ela matou e enterrou a minha boneca, mamãe!

— Sua irmã já me contou a história como se passou. Ela me disse como foi que você quebrou o presente que seu pai lhe deu no seu aniversário.

Fiquei revoltada.

— É mentira dela! Tudo que contou é mentira. A senhora não pôde acreditar naquela mentirosa.

— Minha filha, não gosto que fale assim de sua irmã mais velha. Ela só me conta a verdade, e você ainda é muito nova para tratá-la dessa maneira. Lembre-se que ela só deseja o seu bem. Espero que você esqueça a travessura de hoje e aprenda a zelar melhor pelos presentes que recebe.

Como minha mãe se enganava com Ermelinda! Ainda hoje continua a envolvê-la com aquele mesmo carinho, a mesma dedicação. Sem que ela o reconheça. Não tem um gesto de agradecimento. É seca e sem ternura a minha irmã. Não nota que minha mãe está doente e cansada. Sómente eu sei como ela se encontra doente. As dores que vem sentindo ultimamente, e que procura esconder, estão aos poucos destruindo o seu antigo vigor. Até a cor do seu rosto tem mudado, nos últimos dias, tomando um tom esverdeado, a cujo mal não sei atribuir, e que me deixa muito apreensiva. Ermelinda não procura saber como ela vai passando. E para minha mãe isso teria tanta importância!

Enquanto ela troca de roupa, diante do espelho do guarda roupa, fico pensando no que terá feito até essa hora na rua. Com quem terá ficado, até esse momento? E o automóvel, que todas as noites vem deixá-la de quem será? Uma noite, tive a curiosidade de ficar olhando, por trás do vidro da janela. Vi quando ela saltou do carro, ajudada por um rapaz alto, vestido de escuro. Não conseguí ver-lhe o rosto, pois a escuridão não

permitia. O modo como ele a enlaçava! Como era que Ermelinda permitia aquilo? Um homem — um desconhecido, talvez — abraçá-la daquela maneira! Fiquei envergonhada pelo que havia presenciado. Corri para o meu quarto e embrulhei-me no cobertor, receiosa pelas consequências do que havia visto. De certo aquilo não era direito. Haveria de vir algum mal, haveria de vir!

Enquanto ela se olha ao espelho, antes de vestir a pijama de seda azul, que torna a sua pele tão alva e bonita, observo o enlêvo com que contempla a própria imagem. É uma enamorada do corpo jovem e esbelto que possui.

Com a ponta dos dedos, Ermelinda toca de leve, com muita suavidade, as faces e o pescoço, estendendo a carícia até os seios, brancos e pontudos.

O corpo desnudo me perturba, sobretudo o deleite com que se olha e apalpa. Não devia fazer isso na minha frente. Ela sabe, tem certeza que estou acordada. Quando acende a luz, ao entrar no quarto, é na certeza de prejudicar-me o sono.

Ouço novamente a voz de minha mãe:

— Ermelinda?

— Diga.

— Deixei uns bolinhos para você na pestisqueira, minha filha.

— Está bem, mãe.

Sei que ela não se servirá de nada do que ficou guardado. Imagino como minha mãe se sentirá triste, amanhã. Com o seu olhar maguado contemplará os bolinhos que ficaram intocados, o sofrimento refletido no rosto magro e macerado. «Ela nem se lembrou». Tenho medo que volte a sentir aquela dor. Não posso suportar a idéia de vê-la curvada sobre si mesma, fazendo esforço para não chorar e sem querer receber o meu auxílio. «Pensa que estou doente, é? Você só se lembra de médicos e remédios. Parece até que está desejando ver-se livre de mim». Sei que se

fosse Ermelinda que estivesse ao seu lado, não teria palavras assim, como tantas vezes tenho escutado. Mas Ermelinda vive longe. Tem o emprego e os namorados, as «boites» e os automóveis, e não pôde estar junto dela. Uma vida isolada, distante de qualquer afeto.

— Ermelinda?

— Ahn?

Ela pára um momento, antes de vestir a blusa da pijama.

— Você sabe que mamãe está muito doente?

— Está?

A pergunta é despreocupada. Ela está mais interessada em arranjar o cabelo do que em qualquer outra coisa.

— Ermelinda?

— Estou ouvindo. Pensa que estou surda?

— Mamãe está precisando ir ao médico.

— E por que não vai?

— Eu acho que ela tem medo.

Com a escova ela alisa cuidadosamente os cabelos, claros e brilhantes.

— Deve ser porque se sente muito mal. Tenho receio que não viva mais muito tempo.

— E você acha que posso salvá-la?

— Ermelinda! Não fale assim.

— Não, minha santinha? E por que não?

— Ela precisa de você. É a filha a quem mais estima. Poderá fazer muito pelo seu bem.

— Deixe de idiotices, Stela. Tenho muito com que me ocupar. Além de tudo, não posso prejudicar os meus divertimentos. Tenho os meus amiguinhos e não posso abandoná-los, pois ficariam muito sentidos. Por falar nisso, ainda não pensei me ser beijada, minha filha? Você já meditou no que isso representa?

— Não quero saber dessas coisas feitas. Estou tratando de outro assunto. Sabe...

Ela me interrompeu, abrindo a blusa e colocando as mãos sobre os quadris.

— Se tivesse um busto como este, se fosse bonita como eu, você já teria experimentado o que é o amor, meu anjinho feio. Mas com essa cara, esse peito achatado, esse corpo que parece uma taboa, es-

(Cont. na pág. 6)



## ZOLA E AS SOIRÉES DE MÉDAN

JEAN GALLOTTI

COMO todos os anos, os admiradores de Emile Zola vão se reunir no verão para honrar-lhe a memória, visitando a sua casa de campo de Médan. O nome deste lugar ficou célebre sobretudo porque faz parte do título de uma obra que fez época na história da literatura francesa: «Les soirées de Médan». O romantismo que tinha fascinado o século, com os seus raios de tempestade, agonizava.

Desde muito tempo, escritores como Mérimée, Flaubert, About, tinham isoladamente demonstrado que um autor podia, na prosa pelo menos, ficar livre das servidões constrangedoras do classicismo do século XVIII sem limitar o delírio de um Hugo, sem sobretudo fundir a sua personalidade com a dos seus personagens, nem o seu modo de pensar com a exposição dos fatos, como Balzac. De fato, Flaubert já havia fundado o verdadeiro realismo objetivo. Mas este escritor era muito absorvido pelo trabalho para desempenhar o papel de chefe de escola. Desde a «Art Poétique» de Boileau, desde o «Preface de Cromwell», lançado por Victor Hugo, habituaram-se na França, a que, cada vez que uma mudança de gosto se produzia no público e que talentos se manifestavam para satisfazê-la, aparecesse um escritor para figurar como chefe da nova escola. Desta vez, tratava-se de corresponder aos desejos daqueles que, cansados do subjetivismo antiquado dos românticos, invocavam uma arte de observação impessoal, exata e positiva, a cujo nascimento não era estranho o desenvolvimento da cultura científica. Um romancista dotado de uma pena fecunda, de uma imaginação poderosa e de uma grande ambição, pretendeu aplicar ao estudo do homem e da sociedade o método científico, considerando uma e quítera, como fenômenos regidos pelas mesmas leis que a matéria.

Este romancista se cha-

mava Emile Zola. Dava á arte assim concebida o nome de «naturalismo» e contava oferecer-lhe as primícias na obra imensa, em 20 volumes, que elaborava já há anos: Os «Rougon-Macquart», história dos diferentes membros de uma família da burguesia do século XIX. Em torno dele se agrupavam escritores moços seduzidos pelas suas idéias e pelo seu talento vigoroso. Cinco dentre eles se reuniam muitas vezes na sua casa, quer no apartamento que ele ocupava em Paris, na rua de Boulogne, hoje rua Daru, quer na pequena propriedade que havia comprado à beira do Sena, em Médan, nos arredores de Nantes, em 1878. Um dia decidira

publicar com ele, cada um, a sua novela naturalista, num volume que seria, senão uma manifestação, pelo menos uma espécie de exemplo ou demonstração da aplicação dos princípios da escola. Escolheram como título: «Les soirées de Médan». A novela de Emile Zola, o «Attaque du moulien» figurava em primeiro lugar. Vinham em seguida: «Boule de Suif», por Guy de Maupassant; «Sac au Dos» de J. K. Huymans; «La Saignée» de Henri Gêard; «Attaque du Grand Sept» de Léon Hennique; «Après la Bataille», de Paul Alexis. Isto em 1880.

Dêstes 6 autores, os 3 últimos estão hoje quase esquecidos, se bem que

Léon Hennique cuja morte é relativamente recente, tenha deixado no teatro uma lembrança que não se apaga. No principio deste século, Maupassant era o que parecia fazer de reputação mais sólida.

Foi sempre assim? Seria imprudente afirmá-lo. J. K. Huymans e Zola são talvez os mais famosos; mas não é certo que eles o devam unicamente às qualidades literárias da sua obra. Quanto a Huymans, é quase certo que a história da sua conversão ao catolicismo tenha influido muito na duração da sua celebridade. Zola deve a sua, incontestavelmente, à ação que desenvolveu como polemista.

Com efeito, aquêle pequeno burguês de Aix-en-Provence, que chegou a Paris sem dinheiro para tentar fortuna na carreira das Letras, foi durante toda a existência um combativo ardoroso e de extrema audácia. Nunca pôs esta disposição natural ao mero serviço da sua ambição ou quando o fez é necessário reconhecer que a ambição sempre fez com que ele pelejasse em prol de um ideal.

Por certo, percebe-se nele uma aptidão singular para o escândalo. Ainda assim se bateu na esperança ou sob o pretexto de melhorar a humanidade fazendo-lhe sentir as suas torpezas, encorajando-a a lutar pelo seu bem-estar, lembrando-lhe a sua miséria; na famosa questão Dreyfus, pelo triunfo da justiça, fazendo-se por-voz daqueles que reclamavam a libertação e a reabilitação do condenado da ilha do Diabo, e, no fim da sua vida para trazer aos homens uma mensagem de esperança, escrevendo a trilogia: Fécondité, Travail, Verité. Ia escrever «Justice» quando a morte o surpreendeu em 1902. Tudo isto constitui o que se chama um puro artista? Não, sem duvida. Há em Zola um desejo de ser útil e de servir uma causa, o que é estranho à estrita preocupação de criar beleza.



Numa mina dos Estados Unidos, a mais de 500 metros abaixo da superfície da terra, Albert Morgan (à esquerda) e Jerry Byrne (à direita), cantam uma canção popular durante uma gravação levada a efeito e supervisionada por George Kurson, colecionador de canções folclóricas. (Ao centro), Kurson visitou a mina com uma máquina de gravação portátil, de modo a obter autênticas reproduções das canções que fazem parte da vida social dos mineiros. As gravações são guardadas pelo Arquivo de Canções Regionais Norte-Americanas, uma divisão da Biblioteca do Congresso do Governo dos Estados Unidos. Mais de 40.000 peças de música, de todas as partes do país, se acham contidas na coleção da Biblioteca do Congresso.

(Cont. da última pág.)

dade quanto ao perigo apresentado por certos grandes escritores russos que, não sendo socialistas, contudo sacudiram os fundamentos da «sociedade». Não deram o prêmio — para só mencionar os 3 maiores nomes entre os vivos depois de 1901 — nem a Tolstói nem a Tchekov nem a Blok. Depois da revolução talvez não encontrassem nomes igualmente grandes, a não ser o de Bunin. Mas em consequência das omissões precedentes o Nobel recebido por Bunin, em 1933, parecia manifestação política, em favor do anti-comunista exilado.

Uma análise mais exata dos fatos revela porém a inconsistência desta última acusação. Eis a mais incompreensível das omissões de Estocolmo: um escritor considerado como dos maiores de todos os tempos, mundialmente famoso, de nacionalidade escandinava, e tão burguês que o chamaram de «Shakespeare bourgeois» —

## ESPLENDOR E MISERIA DO NOBEL

mas Henrik Ibsen não recebeu o Prêmio Nobel. Ou ele não foi tão burguês como se pensa, ou então é preciso redefinir o adjetivo. Redefinir em que sentido? Até os inimigos mais irreconciliáveis da burguesia costumam usar o adjetivo em sentido estético, como sinônimo, de incompreensão por outros valores senão os materiais. Pois bem, basta chamar a atenção para o papel dos fatores materiais na literatura. As decisões do Estocolmo fornecem, a respeito, alguns exemplos magníficos.

Todo mundo sabe que a Espanha experimentou desde o começo deste século uma admirável renascença literária: Unamuno, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Valle-Inclán, Baroja, Pérez de Ayala, etc. Nenhum desses recebeu o

Nobel, mas sim o antiquadíssimo Echegaray e o «boulevardier» Benavente, provavelmente porque livros em língua espanhola não são lidos e são pouco traduzidos no mundo, enquanto aos dramaturgos habets se abrem as portas de todos os teatros. Em geral, a Academia Sueca preferiu sempre aos poetas os romancistas, melhor traduzíveis. E entre os romancistas preferiu aos Dreiser, Dos Passos e Faulkner o habilíssimo Sinclair Lewis e a pobre Pearl Buck. O valor considerado em Estocolmo, depende das capacidades publicitárias das casas editoras.

Ainda será possível resumir esse fato numa fórmula mais exata. Nobel não quis aquilo. Quis ver premiado o êxito da ação moral pela literatura. Mas a Fundação Nobel substituiu ao

«êxito da ação moral», a eficiência. E isso é bem burguês.

«Eficiência» é termo que não é idêntico mas tam-pouco incompatível com «Valor»; apenas é diverso. Pode acontecer — e já aconteceu — que alguns dos maiores escritores contemporâneos sejam agraciados com a distinção sueca, mas como autoridade literária o Prêmio Nobel não vale nada.

«VELOZES — Informações»

**C**HEGA-NOS de Salvador, na Bahia, o n. 1 de «Velozes — Informações», órgão oficial do Movimento Cristão de Resistência (M. C. R.).

## EXIBIÇÃO HISTÓRICA DA BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS

**A** BIBLIOTECA do Congresso dos Estados Unidos, em Washington, D. C., está apresentando uma exposição de uma grande coleção de documentos relacionados com a história dos Estados Unidos.

A exposição, inaugurada com o título de «Marcos das Realizações Americanas» é uma das muitas patrocinadas pela Biblioteca do Congresso, de caráter especial, para a comemoração do sesquicentenário da fundação da cidade de Washington, capital dos Estados Unidos.

A coleção contém 150 documentos. O mais antigo é o «Book of Privileges», compilado pelo explorador italiano, Cristovão Colombo, em 1502. Contém também a exposição, cartas e escritos dos primeiros Presidentes dos Estados Unidos, John Adams, Thomas Jefferson e James Madison; esboço de próprio punho, de autoria de Woodrow Wilson, ex-Presidente dos Estados Unidos, sobre o Convênio da Liga das Nações, o original do conhecido poema do famoso poeta americano Henry Wadsworth Longfellow, «The Village Blacksmith».

O desenvolvimento e o aperfeiçoamento das películas cinematográficas nos Estados Unidos está representado por sua mais antiga versão, o «Registro Kinestocópico de um Espirro, de Edison», produzido em 1894. Uma gravura de «Birth of a Nation», uma antiga película está também sendo exibida. Há, além do material acima mencionado, uma grande coleção de manuscritos originais de canções americanas. A exposição tem alcançado um sucesso sem precedentes na história das exposições organizadas por bibliotecas nos Estados Unidos.



William Faulkner, conhecido novelista norte-americano, que recebeu recentemente a Medalha Howells, da Academia de Artes e Letras dos Estados Unidos. Esse prêmio, conferido de cinco em cinco anos à mais destacada obra de ficção de autor norte-americano, publicada naquele período, foi instituído em 1921, em memória de William Dean Howells, novelista norte-americano.

O Sr. Faulkner, que tem escrito muitas novelas e pequenos contos, é autor de «Intruder in the Dust» e «Knight's Gambit», dois livros publicados nesses últimos cinco anos. Nasceu em New Albany, Estado de Mississippi, a 25 de Setembro de 1897.

Por outro lado e com isto, o chefe de uma escola que se propunha como fito o estudo científico do homem e deveria por conseguinte conservar a fria curiosidade do sábio na observação da vida estava em oposição com a sua própria doutrina. Mas ainda há mais. Cada vez que Zola, por exemplo, nas suas grandes descrições de paisagens, quer fazer arte pura, acontece que em consequência de uma oposição curiosa entre seus princípios e seu temperamento, escreve páginas impregnadas de um lirismo, digamos mesmo de um romantismo que o aparta do naturalismo dos seus discípulos. Devemos dizer que se não está esquecido hoje é porque não foi o escritor que quis ser? Seria isto sem dúvida uma afirmação ousada. Pelo menos, é permitido pensar que ocupando um lugar na história como lutador político, guardando também na literatura francesa como pintor a traços largos da animalidade humana e como paisagista imaginoso, só pela metade pertence à escola de que foi o fundador e que o sucesso desta só contribuiu para o seu em proporção reduzida.

# V A R I A S

## «O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS»

**F**RAN Martins, escritor dos mais brilhantes da nova geração brasileira, acaba de publicar um outro livro sob o título «O Cruzeiro tem cinco estrelas» (Edição «Clã» — Fortaleza — 1950).

O jovem autor cearense que já conta com uma vasta bagagem literária publicada por varias casas editoras do sul, vem com esse seu novo romance formar ao lado dos escritores mais em evidencia naquele genero de literatura em nosso país.

«O Cruzeiro tem cinco estrelas» vale pela afirmação da descentralização cultural da metrópole.

Otima apresentação. Capa de Sérvulo Esmeraldo.

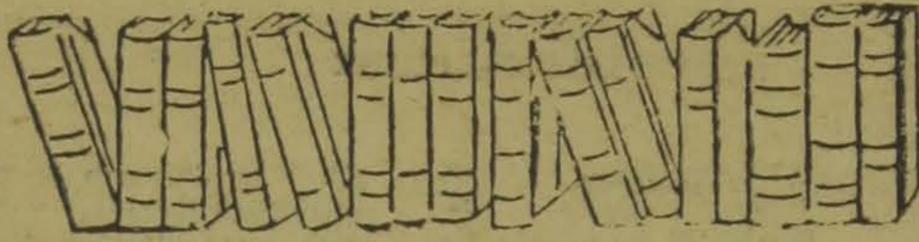
## «AUTO DO POSSESSO»

**E**DITADO pelo Clube de Poesia de São Paulo que vem revelando através de pequenas edições autenticos valores da nova poesia brasileira, foi lançado ha pouco o «Auto do Possesso», de autoria de Haroldo de Campos.

Apresenta-se, nessa plaquette, o joven autor, com perfeitos conhecimentos técnicos do verso moderno.

## «QUASE POLITICA»

**A**NUNCIA o editor José Olympio o proximo aparecimento do novo livro do escritor Gilberto Freyre intitulada «Quase Politica». Trata-se da reunião de nove discursos do deputado Gilberto Freyre na Câmara Federal, debates e a conferencia sobre Joaquim Nabuco proferida, a convite dos estudantes, na Faculdade de Direito do Recife e, repetida, a pedido do embaixador Macêdo Soares no Instituto Historico e Geográfico Brasileiro, do Rio.



**M**ULTIPLICAM-SE os livros referentes à melhor alimentação do nosso povo. Agora a vez é da Melhoramentos que publica «VITAMINAS» de Dorival F. Ribeiro e «NUTRIÇÃO» de Fern Silver.

— Oliveira Lima, o célebre historiador pernambucano, desapareceu pouco antes da oitava edição de sua conceituada «HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO», um lançamento das Edições Melhoramentos.

— **OUTROS MUNDOS ALEM DO NOSSO**, de Elena Fontany, foi programado pelas Edições Melhoramentos na sua já famosa coleção «O Homem e o Universo». Será uma tradução de José Reis.

— O teatrólogo Raimundo Magalhães Junior já entregou à Melhoramentos os originais da tradução de «O Homem e as Armas», de Bernard Shaw.

— Uma deliciosa sátira ao convencionalismo da civilização européia pré-guerra, é o livro de Kaestner, programado pela Melhoramentos, «TRÊS HOMENS NA NEVE».

— Um número quase recorde de edições entre nós, mesmo em se tratando de livros escolares, é aquêlo obtido pela obra «LEITURA II», de Erasmo Braga na sua recente 185ª passagem pelos prelos da Melhoramentos.

— Na Suíça cultiva-se com carinho a xilogravura. Paul Boesch compôs 266 tábuas xilográficas para ilustrar o livro de B. Kaiser «10.000 ANOS DE DESCOBERTAS», cuja versão brasileira nos foi dada pela Melhoramentos.

— «AS VESTIMENTAS E SUA HISTORIA», de Maud e Miska Petersham, um curioso estudo ilustrado que as Edições Melhoramentos publicaram recentemente.

## A CONFERÊNCIA DO ESCRITOR JOÃO LELIS NA SOCIEDADE DOS PROFESSORES DA PARAÍBA

**A**CONTECIMENTO dos mais expressivos em nossos meios culturais, foi a conferencia realizada pelo escritor João Lelis, na Sociedade dos Professores da Paraíba, em 4 de mês p. findo. Convidado por aquela agremiação, o ilustre academico nome de relevo em nossos circulos intelectuais, discorreu brilhantemente sobre o movimento cultural da Paraíba.

Entre as pessoas que compunham a mesa, viam-se o representante do Governador do Estado, acad. Celso

Otavio Novais; dr. Celso Novais, chefe de Polícia; escritor Oscar de Castro, presidente da Academia Paraibana de Letras; prof. Manuel Viana, dr. Tancredo de Carvalho, etc.

O conferencista foi saudado pelo prof. Manuel Viana.

Encerrando a sessão, o acad. Celso Otavio Novais congratulou-se com a Sociedade dos Professores por ter proporcionado a todos a oportunidade de ouvir um dos mais acatados escritores conterrâneos.

## «ITINERARIO DE PASÁRGADA»

**O** POETA Manuel Bandeira está escrevendo suas memorias literarias subordinadas ao título «Itinerário de Pasárgada». Segundo estamos informados, vão ser divulgadas por «Literaria», revista a aparecer em breve na capital do país.

Ha grande expectativa em torno dessas confidencias do grande poeta brasileiro.

## «PRELÚDIO»

**C**OM o estímulo do prêmio conquistado no Concurso de Livros de 1949, do Centro de Letras do Paraná, publicou Daily Luiz Nambier, seu volume de crônicas «Prelúdio», páginas que revelam sensibilidade artistica, ternura humana.

## «MERIDIONAL»

**O** CADERNO de letras piauienses «Meridiano», dirigido pelo escritor O. G. Rêgo de Carvalho, pareceu numa edição especial dedicada à vida e à obra do poeta, Da Costa e Silva, recentemente falecido.

## CLUBE DO CONTO

**P**ROSSEGUEM as edições do Clube do Conto, um caderno mensal contendo um conto de autor consagrado. O caderno 21, de agosto, assinalou o centenário de Guy de Maupassant inserindo «No campo de oliveiras», desse genial narrador.



## ESPLENDOR E MISERIA DO NOBEL

OTTO MARIA CARPEAUX

**P**RETENDENDO festejar seu cinquentenário, a Fundação Nobel em Estocolmo dirigiu aos intelectuais do mundo inteiro um convite para manifestar-se sobre a significação dos famosos Premios (dos quais só o de Literatura está, neste artigo, em causa). Pois não. Vamos manifestar-nos. Ocorre, a propósito, uma frase de G. B. Shaw, detentor do Nobel 1925: «É preciso dizer as verdades de maneira irritante». É isso mesmo. Na verdade, o Premio Nobel não vale nada.

Certamente não foi isso o que a Fundação e o público esperavam. O Premio Nobel é considerado como a mais alta distinção literária que existe, e isso não apenas pelos ingenuos; também os safados usam-no como arma para impedir restrição qualquer aos «valores consagrados». A esses dois grupos é preciso dizer que a autoridade do Premio Nobel tem apenas valor econômico: o de tantas e tantas coroas suecas.

Esta polémica, por sua vez, tem o valor da originalidade. O Nobel já foi muito atacado, mas nem sempre pelos motivos certos. Lamentou-se, por exemplo, que a Academia de Estocolmo sempre só tenha premiado autores famosos e nunca um valor novo, uma grande promessa. É um equívoco. Conforme a vontade do fundador devia ser premiado um resultado, um êxito. Porventura um resultado literário? Um valor definitivo?

É fácil examinar essa questão. Basta lembrar os nomes dos maiores escritores que em 1901, ano do primeiro Nobel, ainda estavam vivos ou então dos que se tornavam famosos depois dessa data. Seria acaso de mais, quase azar, se não pelo menos alguns entre desses grandes valores tivessem recebido a homenagem. E com efeito, os academicos suecos acertaram no caso

dos Carducci, Hauptmann, Spitteler, Yeats, Thomas Mann, Pirandello, O'Neill, Roger Martin Du Gard, Hesse, Gide, T. S. Eliot. No entanto lembram os adversários que a Academia Sueca parece encontrar maior número de valores definitivos entre os seus patricios vizinhos do que em qualquer outra parte: entre 43 premiados encontram-se nada menos do que 9 escandinavos o que seria excessivo sintoma de provincialismo bairrista. Essa observação não faz jus ao grande papel das literaturas sueca, norueguesa e dinamarquesa na época moderna: um Bjoernson, Hamsun, Pontoppidan, merecer a mim bem o premio. Infelizmente, outras «pequenas» literaturas não encontraram, em Estocolmo, a mesma consideração: não foram premiados o português Fernando

Pessoa, nem o húngaro Ady, nem o tcheco Brezina, nem o flandês Van do Woestijne, nem o hispano-americano Rubén Darío. É que a Fundação Nobel estava preocupada com as reivindicações das grandes potências. O Premio virou problema diplomático.

Sabem poucos que Mussolini, em 1926, exigiu imperiosamente um Nobel para a Italia. Os academicos de Estocolmo começaram a trêmer. Quizeram ceder, mas pelo menos não em favor de D'Annunzio, supranacionalista e de conduta pouco recomendável. Então, quem seria? Ignoravam, na ocasião, os nomes de Pirandello (que será premiado em 1934, depois do êxito em Paris), Ungaretti, Montale e Svevo. Ignoravam a literatura italiana contemporânea insíra e deram o Premio Nobel à fraquinha

contista folclórica Cora Deledda.

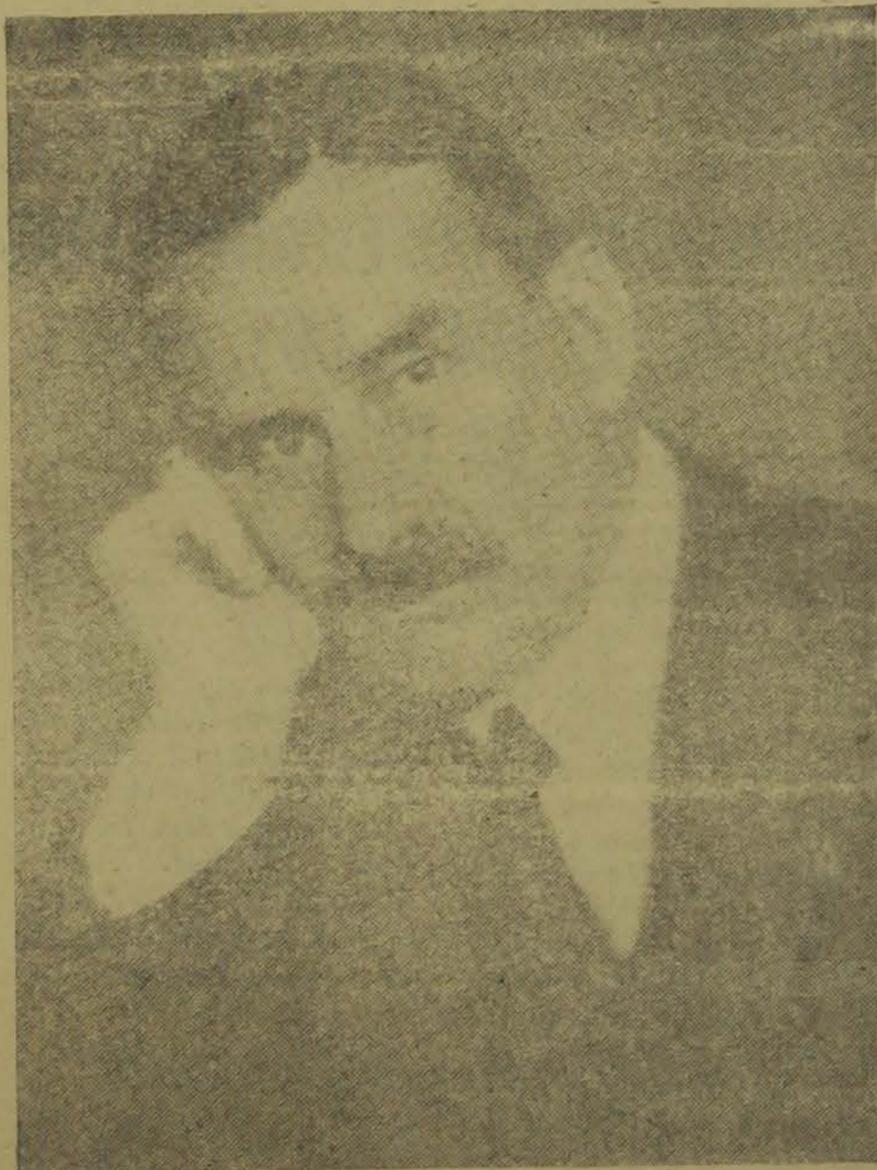
Foi um caso de «pavor noturno», mas também sintoma de insensibilidade patológica quanto ao valor literário. Um caso entre muitos. A Terceira República nunca chegou a exigir Premios Nobel, nem precisava disso porque os academicos suecos são francófilos. Mas não foram amigos nem admiradores de Verhaeren, de Claudel, de Valéry, de Apollinaire, dos quais nenhum recebeu o Nobel: recebeu o postastro parnasiano Sully Prudhomme.

Aí já se entra na galéria dos ilustres não-premiados. Não se podem incluir nela certos grandes escritores cujo valor só se revelou plenamente depois da morte, um Kafka ou um Proust. Um Joyce talvez parecesse escandaloso aos senhores academicos. Pérez Galdós — talvez não souberam ler espanhol. Mas salem muito inglês e não lhes ocorreram os nomes de Hardy e Henry James. Antes de tudo, sabem perfeitamente a lingua sueca, mas desdenharam — Strindberg! A insensibilidade ao valor é o limite do «bairrismo».

Apesar de tudo, agindo desta maneira a Fundação ficou fiel ao espírito do fundador. Nobel não teria compreendido a significação de um Rilke, que também não recebeu o premio. Ao homem do século XIX os valores humanitários pareciam mais importantes do que os humanos. Nobel teria aplaudido a consagração de Romain Rolland e Carl Buck, talvez até a de Shaw, propagandista de um socialismo que não faz mal aos burgueses. Eis uma das mais sérias objeções ao Premio Nobel: é instituição burguesa.

Quem afirma isso pode alegar o caso dos russos. A Academia Sueca, que sabia perdoar a Shaw, revelou no entanto finíssima sensibili-

(Cont. na pág. 14)



THOMAS MANN